



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS - *CAMPUS* PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS

EMERSON LOPES RIBEIRO.

**UMA PERSPECTIVA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE OPOSTOS EM GRANDE
SERTÃO: VEREDAS**

**PALMAS
2023**

EMERSON LOPES RIBEIRO

**UMA PERSPECTIVA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE OPOSTOS EM GRANDE
SERTÃO: VEREDAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras
Habilitação em Língua Portuguesa da Unidade de Palmas,
do Instituto Federal do Tocantins, como exigência à
obtenção do título de Licenciada em Letras Língua
Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. David Siqueira Fontes Neto

**PALMAS
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

R484p Ribeiro, Emerson Lopes
 UMA PERSPECTIVA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE OPOSTOS EM
 GRANDE SERTÃO: VEREDAS / Emerson Lopes Ribeiro. – Palmas, TO,
 2023.
 40 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação
em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2023.

Orientador: Me. David Siqueira Fontes Neto

1. Grande Sertão: Veredas.. 2. Relação entre opostos.. 3. Literatura.. I.
Neto, David Siqueira Fontes. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e
pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).**

EMERSON LOPES RIBEIRO

**UMA PERSPECTIVA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE OPOSTOS EM GRANDE
SERTÃO: VEREDAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras
Habilitação em Língua Portuguesa da Unidade de Palmas,
do Instituto Federal do Tocantins, como exigência à
obtenção do título de Licenciada em Letras Língua
Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. David Siqueira Fontes Neto

Aprovado em: 30/11/0223

BANCA EXAMINADORA

Me. David Siqueira Fontes Neto
Orientador
IFTO — Campus Palmas

Dra. Dianine Censon Lopes
IFTO — Campus Palmas

Dra. Kátia Rose Oliveira de Pinho
UFT — Campus Porto Nacional

RESUMO

Este trabalho acadêmico se concentra na obra "Grande Sertão: Veredas" de João Guimarães Rosa, destacando os conflitos do sertão e suas veredas. O estudo busca identificar os conflitos de Riobaldo para entender a interação entre o bem e o mal na narrativa. A partir dos momentos de inferência narrativa, são estabelecidos parâmetros para distinguir a moralidade presente em cada situação, possibilitando a identificação de atitudes consideradas boas ou ruins dentro do contexto do livro, incluindo as ações de Riobaldo. A perspectiva que adotamos para encarar a obra de Rosa é apresentada por Emmanuel Carneiro Leão em seu livro *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. O principal ponto de relação entre oposições que encontramos se dá através da relação entre Deus e diabo apresentada por Emanuel Antônio de Castro em seu livro *O homem provisório no Grande Sertão: um estudo de Grande Sertão Veredas*. Para orientar acerca da moralidade inerente a assuntos sobre bem e mal utilizamos Friedrich Nietzsche em seu livro *Genealogia da moral*. Dessa forma, o trabalho acadêmico se propõe a ir além da dualidade simplista entre o bem e o mal, buscando demonstrar que um ser e seus questionamentos podem transcender essas categorias binárias.

ABSTRACT

This academic work focuses on the work "Grande Sertão: Veredas" by João Guimarães Rosa, highlighting the conflicts of the sertão and its paths. The study seeks to identify Riobaldo's conflicts to understand the interaction between good and evil in the narrative. From the moments of narrative inference, parameters are established to distinguish the morality present in each situation, enabling the identification of attitudes considered good or bad within the context of the book, including Riobaldo's actions. The perspective we adopt to view Rosa's work is presented by Emmanuel Carneiro Leão in his book *The original thinkers: Anaximander, Parmenides, Heráclitus*. The main point of the relationship between oppositions that we find is through the relationship between God and the devil presented by Emanuel Antônio de Castro in his book *O Homem Provisório no Grande Sertão: um Estudos de Grande Sertão Veredas*. To provide guidance on the morality inherent to issues about good and evil, we use Friedrich Nietzsche in his book *Genealogy of Morals*. In this way, academic work aims to go beyond the simplistic duality between good and evil, seeking to demonstrate that a being and its questions can transcend these binary categories.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	12
2.1. A coexistência de opostos.....	15
2.2. Deus e o Diabo na rua, no meio do redemunho.....	17
2.3. O que entendemos por bem e mal, fôra do redemunho.....	19
2.4. A representação do pacto fáustico em <i>Grande Sertão Veredas</i>	23
3. ANÁLISE DA OBRA.....	26
3.1. A existência do bem, no pacto.....	26
3.2. O bem e o mal no caso do “homenzinho-na-égua, com o cachorro dele”.....	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
Referências.....	38

“Falo tanto de Deus e diabo, é que vocês só enxergam em 2D”.

Djonga

1. INTRODUÇÃO

Nonada. Para começo de conversa, serve como um exemplo da habilidade linguística que teve João Guimarães Rosa, autor da obra-guia deste trabalho: *Grande Sertão: Veredas*. Rosa é citado por grandes escritores brasileiros como um exímio utilizador da língua, logo, sua obra não teria um nome dado ao acaso. A obra realmente apresenta um grande sertão, um vasto universo composto por veredas de menor tamanho. O que é o sertão? O que são suas veredas? São questões guardadas no título, para serem recuperadas durante nossa travessia pelo próprio sertão.

Grande Sertão, que por sua vez, tem sua grandeza composta por diversos detalhes como, linguístico, literário e filosófico, cada um rico em qualidade. Quando nos deparamos com tamanha vastidão de sertão, logo se chega à conclusão de que não é possível dar conta de todo ele em um único trabalho. Por isso, nessa nossa travessia, iremos nos atentar à questão entre bem e mal, para evitar que fiquemos perdidos no sertão. Observaremos apenas uma de suas Veredas.

No entanto, saber que esse percurso é recheado de questionamentos não significa que as respostas também estão ali. As questões presentes em *Grande Sertão: Veredas* são provocações, servem mais se tiverem sempre continuidade, não um fim. Como afirma Manuel Antônio de Castro (1976) em seu livro *O Homem Provisório no Sertão* ao falar sobre o homem e seus conflitos na obra de Rosa:

Como é mostrada essa problemática do homem? Através da dúvida. O autor faz referências, desde o início, a um diálogo narrador/escritor com um ouvinte/leitor, sem que este, no entanto, jamais se manifeste. O diálogo é estruturado num ir e vir de pergunta/resposta/pergunta. (CASTRO, 1976, p.22).

Dessa forma, o autor revela que o conflito é o que faz a narrativa prosseguir em *Gande Sertão: Veredas*, o conflito está no centro de tudo, inclusive na narração. Destas questões, escolhemos a questão do conflito entre opostos para dar continuidade, sem a ambição de responder, contribuiremos com ela a partir de um ponto de vista que possibilita essa relação de oposição de forma em que ambos os lados (bem/mau, Deus/diabo) se complementam.

A narração de *Grande Sertão: Veredas* é feita pelo ex-jagunço Riobaldo, que conta a sua história a um interlocutor indefinido. É possível concluir isso através das falas de

Riobaldo, que faz indagações e considerações sobre coisas que acha relevante ao dialogar com esse interlocutor misterioso, como podemos reparar no trecho: “De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia pra que? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho.” (ROSA, 2001, p.232). Neste excerto percebemos que Riobaldo, a partir de sua perspectiva de narrador, escolhe os fatos que quer narrar quando diz: “de tudo não falo”.

Consciente de que é narrador e protagonista, o próprio Riobaldo deixa claro essa diferença:

Por daí, então, careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o jagunço. Narrei miúdo, desse dia, dessa noite, que dela nunca posso achar o esquecimento. O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – Porque não sou, não quero ser. Deus esteja.(ROSA, 2001, p.232).

Dessa forma temos: o Riobaldo narrador, que é quem diz da primeira à última palavra do texto, logo, todos os fatos são apresentados a partir de sua narrativa perspectivada, inclusive a fala de todos os personagens e a sua como personagem principal; o Riobaldo protagonista de uma estória de atravessamento no sertão de Minas Gerais, que tem seus erros, acertos e impressões registrados na memória de uma outra versão de si mesmo.

Saber que a estória da obra é contada a partir da perspectiva de Riobaldo é importante pois, dessa forma, consideraremos também assim para guiar o posicionamento quanto às noções do que é bom e mal/ruim, certo e errado. Somado a isso contaremos que as definições sobre de ética e moral, apoiadas por Nietzsche, consideramos a perspectiva e o posicionamento de Riobaldo acerca dos conflitos que se passam em si. Sendo assim, consideramos as impressões do narrador/protagonista para nos orientar acerca da ética e moral, como forma de ter uma primeira impressão e repararmos em quais pontos essas impressões de Riobaldo vão de acordo com o que Nietzsche delimita como bom ou ruim.

Ainda se tratando dos conceitos definidores deste trabalho, bem e mal/ Deus e diabo. Quando Castro (1976) começa a definir a forma do diabo na obra, ele fala que “a mutabilidade é gerada por virtude do diabo” e cita: “Tem até tortas raças de pedras, horrorosas, venenosas — que estragam mortal a água, se estão jazendo em fundo de poço; o diabo dentro delas dorme: são o demo” (ROSA, 2001, p.27). Dessa forma, o narrador cita um fato relevante à pesquisa que retomaremos adiante: a materialização do diabo. No entanto, quando o humano é palco de manifestação do diabo é que nos interessa: “Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o

homem dos avessos”. (ROSA, 2001, p.26). Assim, temos essa “força” presente dentro do homem, mas será que essa força é totalmente e apenas ruim? Como se dão esses tipos de valores na obra?

É possível encontrar trechos na obra que dão a entender que a moral e a ética do sertão são diferentes do contexto urbano, que usamos no nosso cotidiano, um exemplo disso é o trecho a seguir: “Ah, mas, no centro do sertão, o que é doideira às vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo!” (ROSA, 2001, p. 301). Logo, se faz necessário algum parâmetro norteador para tais conceitos, para tanto, tomaremos como aporte o livro *A genealogia da moral*, de Nietzsche.

Dessa forma, o presente estudo buscará analisar os conflitos presentes em Riobaldo com o intuito de identificar como mal e bem interagem e se relacionam. No identificar desses momentos, certamente que buscaremos notar de que forma essa coexistência é apresentada na narrativa, a fim de responder os seguintes questionamentos:

1. Como se dá a relação entre de bom e mau/ruim em *Grande Sertão: Veredas*?
2. Como se dá a relação entre Deus e diabo em *Grande Sertão: Veredas*?
3. Quais conflitos presentes no ser de Riobaldo podemos entender como possibilidade de coexistência de opostos?

O estilo narrativo adotado por Guimarães Rosa para levar o leitor através do Grande Sertão e suas Veredas é o de um grande monólogo dialogado e sem divisões. A escolha desse tipo de escrita permite que o narrador constantemente alterne entre a narração dos fatos e perguntas para conversar com seu interlocutor, sobre o momento da narrativa ou alguma possível discussão causada pela situação, como diria Manuel Antônio de Castro em 1976: “Sucedem que as perguntas vêm a propósito de algum fato vivido por Riobaldo ou pelo bando, de alguma descrição, de algum caso ou estória contada pelo narrador ou por outro jagunço; perguntas essas que surgem seja antes, durante ou depois da narração”.

Serão esses momentos, nos quais o narrador suspende a narrativa para realizar inferências sobre a narrativa, que consideraremos como um “norte” para distinguir a moralidade vigente naquela atitude. Após identificar a forma como o conflito se estabelece nos trechos escolhidos, esperamos encontrar também trechos que expressam exemplos da materialização de opostos que buscamos. Fazendo uso da mesma orientação moral também será possível encontrar o que há de bom e ruim em Riobaldo. Após estabelecido um crivo sobre o que é bom e o que é ruim, esperamos também, encontrar meios que nos permitam demonstrar que um ser e seus questionamentos podem ser mais do que apenas bom ou apenas ruim.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção apontaremos o referencial teórico, utilizado para apresentar aos leitores a contribuição de cada autor para este trabalho.

O primeiro autor que trazemos, embasa o ponto de vista pelo qual encaramos as ideias de bem a mal na obra, conceitos contrários que podem coexistir em união. Seu nome é Emmanuel Carneiro Leão e traz contribuições a este trabalho através de seu livro *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Vale lembrar que, deste livro nos aproveitamos particularmente do primeiro capítulo chamado “o pensamento originário”. Já no início deste capítulo o autor nos esclarece sobre o pensamento filosófico ocidental:

Já foram intitulados Pré-aristotélicos, Pré-platônicos e Pré-socráticos. Sob a correção cronológica do prefixo, pré-, se escamoteia uma perplexidade de pensamento. Em Sócrates, Platão e Aristóteles se inaugura uma de-cisão histórica. A decisão das diferenças que, sendo já em si mesma metafísica instala o domínio da filosofia em toda História do Ocidente”.(LEÃO, 1991, p.7.)

Ao falar sobre este “pensamento originário”, que se refere ao pensar dos filósofos pré-metafísicos, o prefixo “pré” nos evidencia o contexto sob o qual reside o pensamento ocidental, muito baseado nos três grandes filósofos metafísicos: Sócrates, Aristóteles e Platão. À frente, o autor ainda faz questão de ressaltar a importância dessa ideia para a história da humanidade antes de propor a ruptura com a mesma:

Esta de-cisão metafísica não é um presente para sempre passado nem se reduz a simples fato de um passado encoberto pela poeira de dois mil e quatrocentos anos. É mais do que objeto de curiosidade historiográfica. Mais do que uma relíquia no museu do ocidente. É um passado tão vigente que constitui a fonte donde viemos hoje, a tradição, que nos sustenta. (LEÃO, 1991, p.8)

Ao realizar tal feito Emmanuel cumpre o papel de nos demonstrar uma perspectiva da realidade, que utilizaremos em *Grande Sertão: Veredas*, e também nos situa quanto às contribuições do pensamento metafísico e do não-metafísico.

Por conseguinte, carece que entendamos como bem e mal se materializam em *Grande Sertão: Veredas*, para que possamos identificá-los e procurar sua relação. Pois bem, essa é a contribuição de Manuel Antônio de Castro (1976) que se dá em seu texto presente no livro *O homem provisório no Grande Sertão: um estudo de Grande Sertão Veredas*. De início, o autor contextualiza sobre o mal na obra, através do questionamento do narrador acerca da

realização ou não do pacto: “E uma leitura atenta mostra que a maioria das passagens da obra gira sobretudo em torno da existência ou não existência do diabo e da consequente possibilidade de ter havido ou não o pacto”, ou seja, caso o diabo exista, o pacto realmente foi feito e a alma de Riobaldo está dada por vendida. Dessa forma, a temática do mal e do diabo está introduzida através desse questionamento do narrador, é após isso que Castro (1976) irá nos demonstrar uma das materialidades do mal, e posteriormente do bem, após a seguinte citação de *Grande Sertão: Veredas*: “a gente criatura ainda é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio do diá?” (ROSA, 2001). Por mais que possamos utilizar essa mesma citação neste trabalho, Manuel Antônio faz uso particular dela:

A passagem permite um novo enfoque no que seja o diabo. Basta relembrar o seu sentido original, recurso de que se valeu o próprio autor no final da citação, pois a palavra vem do grego e compõe-se de prefixo ‘diá’, que significa ‘por intermédio de’ e de ‘bo’, que se origina do verbo ‘ballein’ e quer dizer ‘mandar’. Nessa perspectiva, o diabo jamais pode ser algo, uma vez que ele é uma forma, através da qual ‘Deus manobra com os homens’. O homem passa a ser o ‘local’ onde Deus se manifesta e a força dessa manifestação é o diabo. (CASTRO, 1976, p. 36)

Dessa forma, o autor explica o uso do termo “diá” escolhido por Guimarães para se referir ao diabo, e ao mal, que serve para exprimir a forma com a qual o diabo se manifesta na obra, como se fosse uma força que serve para o agir: “a mutabilidade é gerada por virtude do diabo” (CASTRO, 1976, p. 36). A seguir o autor explica uma materialização coexistente entre bem e mal, no qual um se utiliza do outro para se manifestar. O bem se manifesta na forma do mal, por meio do mal. Deus se manifesta por meio do diabo.

Por último, vale citar a contribuição que Castro (1976) nos faz quanto à forma de coexistência entre bem e mal que fica latente após suas definições de materialização de Deus e diabo: “Ao colocar o diabo como núcleo gerador central, surge imediatamente duas facetas que o configuram: o mal e o bem, o ser e o não ser”. Interpretamos essa passagem da seguinte forma: o diabo é a força de mutabilidade em *Grande Sertão: Veredas*, não mais que isso, causa um agir imprudente, dessa forma, escolher dar vazão a este ser, é agir imprudentemente, de acordo com instintos, o que causa o mal.

Logo após, nos aproveitamos dos estudos de Nietzsche em *A genealogia da moral* (2009), para estabelecermos as noções morais do que é bom e mau. Fazemos com o uso, principalmente do seguinte excerto: “A utilidade da ação não egoísta seria a causa de sua aprovação [...] essa utilidade foi experiência cotidiana em todas as épocas, portanto algo continuamente enfatizado”. Dessa forma, o que importará, neste trabalho, para definirmos

algo em Riobaldo como bom ou ruim, é a perspectiva de Riobaldo sobre os valores morais que permeiam aquele sentimento ou ação. Certamente que, para isso, consideramos os comentários do próprio Riobaldo como narrador sobre os sentimentos passados do Riobaldo protagonista.

Por último, nos apoiamos no texto de Francieli Santos Rossi intitulado *A representação do pacto fãustico em Grande Sertão: Veredas* para obtermos noção de discussões atuais sobre a obra e, principalmente acerca do momento do pacto, que escolhemos como um momento para analisar as manifestações de bem e mal. Em sua tese, a autora contextualiza que o Riobaldo, ao tempo todo em sua estória, tenta negar a realização do pacto, de acordo com a autora:

Riobaldo tenta negar a existência do diabo e a efetuação do pacto, pois esta afirmativa seria o mesmo que reconhecer sua culpa pela morte de Diadorim. De tal forma, ele prefere culpar o destino, fazer com que acreditemos que sua travessia lhe designou ao caminho do pacto. Este intuito nos leva a interpretar que o narrador busca a não responsabilização em escolher ser um pactário: torna-se mais fácil, mesmo que totalmente inútil, culpar o destino, o diabo ou Hermógenes pelo mal que o aflige. (ROSSI, 2014, p. 59).

Os estudos de Rossi (2014) se fundamentam em bases da análise do discurso, embora sua detalhada explanação não seja apresentada neste contexto. A autora faz isso para ter base e afirmar que Riobaldo quer negar o pacto, para que assim, se ausente da responsabilidade da morte de seu amado, para tal, a autora faz o uso da seguinte citação de *Grande Sertão: Veredas*: “Quem que diz que na vida tudo se escolhe? Eu estava ali era feito um escravo de morte, sem querer meu. Tem um ponto de marca, que dele não se pode mais voltar para trás. Tudo tinha me torcido para um rumo só” (ROSA, 2001, p. 132).

A seguir, como já dito, faremos um levantamento, daquilo que interpretamos ser, os principais tópicos das obras que acabamos de introduzir, bem como os pontos nos quais as obras contribuem para nosso trabalho. Após isso, prosseguiremos com a análise de dois momentos de *Grande Sertão: Veredas*, nos quais utilizaremos as obras do nosso repertório bibliográfico para demonstrar como a perspectiva que propomos se concretiza nela.

2.1. A coexistência de opostos.

Após o estabelecer de uma estória que tem um modelo narrativo original, Guimarães Rosa constitui as noções sobre a realidade jagunça ali representada. De tal forma que, em determinado ponto da narrativa, assuntos violentos como morte e roubo não são mais incomuns. Isso ocorre em virtude da qualidade com a qual o autor estabelece os pilares conceituais de sua obra. Situado em um *corpus* histórico para a literatura brasileira, este trabalho toma a discussão sobre bem e mal como maneira de encarar a obra para realizar a pesquisa. Empregamos essa abordagem por meio do ponto de vista apresentado por Leão (1976).

Em uma interpretação dos fatos do livro ligada às noções de moral e ética aplicadas na sociedade urbana e cristianizada que vivemos, é possível que encontremos maldade quase que na totalidade das atitudes tomadas pelos jagunços naquele contexto. Maldade pura, sem qualquer resquício de algo que possa ser considerado bom ou com alguma qualidade, a exemplo: os confrontos entre grupos jagunços, roubos, estupros e assassinatos. No entanto, certo e errado passam a ser menos contrastantes após Guimarães Rosa estabelecer, através de Riobaldo, as noções de ética e moral próprias da vida jagunça.

Tal dificuldade de conceber bem e mal tão relacionados decorre, de acordo com Leão (1991), do costume que temos, de encarar a realidade através de uma ótica que separa totalmente tudo aquilo que é oposto, uma decisão pré-metafísica, ou, como diria o autor “[...] a decisão das diferenças que, sendo já em si mesma metafísica, instala o domínio da filosofia em toda a História do Ocidente”. Dessa forma, sendo um tipo de pensamento que estamos acostumados a adotar por ser antigo, nos é incomum conceber a realidade como formada da coexistência de opostos.

Mesmo apontando para uma outra visão a partir dessa de-cisão, Leão (1991) se preocupa em nos orientar sobre a importância dessas concepções como norte ao pensamento ocidental:

Esta de-cisão metafísica não é um presente para sempre passado nem se reduz a simples fato de um passado encoberto pela poeira de dois mil e quatrocentos anos. É mais do que objeto de curiosidade historiográfica. Mais do que uma relíquia no museu do ocidente. É um passado tão vigente que constitui a fonte donde viemos hoje, a tradição (LEÃO, 1991, p.8)

Assim, o autor abre a discussão a partir do ponto de vista que temos hoje sobre a realidade. E não só a utiliza como ponto de partida para explicar uma tese, como, a partir da

elucidação sobre a tradição, ele aproveita para explicar que foi após essa premissa que contribuímos para o avanço da filosofia e do pensamento. Só então, após nos deixar cientes da importância dessa de-cisão metafísica é que o autor explica as causas desse pensar, e as coisas que “deixamos de notar” ao adotá-lo como verdade única, ao dizer:

A totalidade do real, o espaço tempo de todas as coisas, não é apenas o reino aberto das diferenças, onde tudo se distingue de tudo onde cada coisa é somente ela mesma por não ser nenhuma das outras, onde os seres são indivíduos, por se definirem em estruturas diferenciais. A totalidade do real é também o reino misterioso da identidade, onde cada coisa não é somente ela mesma, por não ser todas as outras, onde os indivíduos não são definíveis, por serem uni-versais, onde tudo é uno (LEÃO, 1991, p. 11).

O autor demonstra que a realidade não se restringe unicamente a oposições inerentes que definem sua identidade pela negação do oposto, mas sim por uma composição dinâmica entre opostos.

Sendo assim, Leão explica como funciona a realidade de acordo com os pensadores pré-metafísicos, uma realidade na qual os opostos não só existem em conjunto em todas as coisas, mas contribuem entre si. Faz isso ao afirmar:

Uma claridade sem sombras é uma onipotência impotente. Não ilumina, cega ponto luz e trevas, espírito e matéria, história e natureza, céu e terra, o racional e irracional, ordem e caos, eros e penia recebem a potência de seus poderes de ser de um combate sem tréguas (LEÃO, 1991, p. 12).

Dessa forma, Emmanuel Carneiro Leão nos leva a pensar sobre a coexistência de opostos, um ponto de vista poucas vezes explorado antes, mas que vai de acordo com (uma das filosofias possíveis de se encontrar) a filosofia que norteia os acontecimentos no universo de *Grande Sertão: Veredas*. Esse novo ponto de vista, é o da possibilidade de coexistência de opostos, contribuindo e confundindo-se um com o outro.

Essa coexistência é retratada em uma série momentos na obra. Guimarães Rosa faz isso se aproveitando do formato de sua narrativa. Eis um trecho que exemplifica a coexistência e o formato narrativo: “O senhor ache e não ache. Tudo é e não é... Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, ou um pai, e é bom amigo-de-seus-amigos! Sei desses. Só que tem os depois - e Deus junto. Vi muitas nuvens”. (ROSA, 2001, p. 27-28).

2.2. Deus e o diabo na rua, no meio do redemunho

Outra discussão posta em conjunto com exemplos da vida no sertão, é a procedência do bem e do mal e sua relação com os ícones religiosos de Deus e diabo. Temos acesso à possibilidade desta discussão através do texto de Castro. De acordo com o que esclarece o autor podemos encontrar essa representação em coisas naturais:

Tem até tortas raças de pedras, horrorosas, venenosas — que estragam mortal a água, se estão jazendo em fundo de poço; o diabo dentro delas dorme: são o demo. Se sabe? E o demo — que é só assim um significado dum azougue maligno — tem ordem de seguir o caminho dele, tem licença para campear?! Arre, ele está misturado em tudo. (ROSA, 2001, p. 27)

Notamos que aqui, o mal é representado pela figura do diabo, porém se manifestando através das pedras no fundo de um poço, sendo “raças de pedras, horrorosas” que fazem o mal ao envenenar a água. Sendo assim, empregamos o que vimos em Castro (1976) para demonstrar que, ainda no começo da obra de Rosa nos é narrado que o ser humano não está aquém dessa maldade: “Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos”. (ROSA, 2001, p.27). Assim, podemos notar que o diabo é aquilo que age no real, e o faz se manifestando em outras coisas, dentro e fora do homem “ele está em tudo”.

Dessa forma, como a representação do mal é o diabo, e tal diabo está e age em tudo, onde está Deus? Como ele é representado? Bom, após leituras na citada obra de Manuel Antônio de Castro, conseguimos notar que em *Grande Sertão: Veredas*, o ícone religioso, assim como o diabo, está presente na totalidade do real. Essa imagem é bem delimitada e tem seu papel relacionado com a função de seu oposto:

Deus não queira; Deus que roda tudo! Diga o senhor, sobre mim diga. Até podendo ser, de alguém algum dia ouvir e entender assim: quem-sabe, a gente criatura ainda é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio do diá? (ROSA, 2001, p. 36)

Deste modo, podemos notar a partir da citação que, por existir, é Deus quem “roda tudo”. No entanto, lembremos que quem está “misturado em tudo” é o diabo, assim, Deus age em tudo por intermédio do diabo, assim foi nossa interpretação após ler o texto de Castro (1976). Particularmente no homem, age assim pois, como é dito “a gente criatura ainda é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio

do diá”. Como se a bondade não pudesse ser materializada da mesma forma que a maldade, um processo parece necessário para que ela também venha do homem.

Dessa forma, após introduzidos, Deus e diabo, tal como suas funções, se faz interessante que expliquemos como se dá a relação entre ambos. Para isso fazemos uso da palavra de Castro (1976), no presente texto o autor, se referindo ainda à citação anterior que trouxemos, afirma:

[...]pois a palavra vem do grego e compõe-se de prefixo ‘diá’, que significa ‘por intermédio de’ e de ‘bo’, que se origina do verbo ‘ballein’ e quer dizer ‘mandar’. Nessa perspectiva, o diabo jamais pode ser algo, uma vez que ele é uma forma, através da qual ‘Deus manobra com os homens’. O homem passa a ser o ‘local’ onde Deus se manifesta e a força dessa manifestação é o diabo. (CASTRO, 1976, p.36).

A presente citação afirma que o diabo não existe em *Grande Sertão: Veredas*. É porque ele é uma forma, uma força, algo que Deus utiliza para se manifestar no homem. Essa é a forma como Deus e diabo estão relacionados em *Grande Sertão: Veredas*.

Após a elucidação das representações de Deus e diabo na obra, emerge uma questão premente que requer solução para progredirmos. Se Deus e diabo têm tais materializações, e nenhuma delas está diretamente ligada ao aspecto de bondade ou maldade, como o que é bom e o que é mau se definem neste trabalho? Se Deus utiliza o diabo para fazer tudo, Deus também faz o mal?

Para explicarmos como entendemos essa relação, trazemos o trecho em que Castro (1976) aborda o ser e o não-ser:

O homem em sua relação com o Real tenta compreendê-lo, estabelecendo um conhecimento através da pergunta. Ora, algo é conhecido na medida em que é. Porém, tal conhecimento não conduz à certeza, à resposta tão ansiosamente perseguida, exatamente porque o que é pode manifestar-se como não sendo, e o que não é pode vir a ser: há uma mutabilidade constante, que corrói a equação de qualquer conhecimento” (CASTRO, 1976, p.32).

Assim, Castro (1976) entende que Deus é quem existe e roda tudo. No entanto “a gente criatura ainda é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio do diá”. Dessa forma, Deus age no homem através do diabo, pois nós somos criaturas que tendemos ao mal. Ao fazer isso, Deus faz o bem no homem: ao agir através do diabo, fazendo algo ruim para causar algo bom, como vamos ver no pacto; e no não-agir, não deixando o mal acontecer como vamos ver no caso do homenzinho-na-égua e cachorro dele.

Vale informar que *Grande Sertão: Veredas* trata sobre o Deus e o diabo da religião cristã, muito influente no contexto brasileiro da época e de acordo com a religião as imagens de Deus e diabo são inerentemente atribuídas a bondade e maldade. No entanto, como vimos em Castro (1976), *Grande Sertão: Veredas* manifesta Deus e diabo de forma diferente da maneira polarizada que a religião os encara.

A discrepância nas visões pode ser encarada como resultado do nosso esforço em atribuir valores polarizados aos ícones de Deus e diabo, embora estes não sejam inerentemente polarizados por natureza. Como vamos ver a seguir “bom e mau” e “bom e ruim” são valores que nós humanos atribuímos a tudo, conforme aquilo nos seja favorável, e tais conceitos podem mudar de acordo com a perspectiva adotada. Caso seja vista de duas perspectivas opostas em um conflito (como disputas entre jagunços), bem e mal também podem ser opostos. De acordo com uma citação que Castro traz em seu texto: “O mal e o bem, estão é em quem faz; não é no efeito que dão”. Sendo assim, de acordo com quem faz algo, o fazer tem intenção de bem ou intenção de mal, pois depende de quem faz.

2.3. O que entendemos por bem e mal, fôra do redemunho.

Para embasar as noções de bem e mal que adotamos neste trabalho, primeiramente faremos uso da contextualização que o filósofo alemão Friedrich Nietzsche faz na primeira parte de seu livro “A genealogia da moral: uma polêmica”. Para, em seguida buscarmos uma maneira de nos guiar por valores morais que variam de acordo com perspectivas e contextos.

De início, Nietzsche trata de deixar claro quem iniciou a definição, o pensamento acerca do que é aquilo dessa natureza, “bom”:

Para mim é claro, antes de tudo, que essa teoria busca e estabelece a fonte do conceito "bom" no lugar errado: o juízo "bom" não provém daqueles aos quais se fez o "bem"! Foram os "bons" mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu. (NIETSCHE, 2009, p.16-17).

Dessa forma, o autor faz questão de deixar claro os responsáveis pela criação dos conceitos-cerne de nossa discussão: os nobres, aqueles que detêm o poder. No entanto, temos interpretado nas palavras de Nietzsche, a discordância da autenticidade dessa decisão, quando diz “ essa teoria busca e estabelece a fonte do conceito ‘bom’ no lugar errado”.

A cargo de registro, também se faz preciso afirmar aqui, que essa sentença do pensador alemão, nos remete à forma com que Manuel Antônio de Castro contribui para o

nosso entendimento quanto à obra. Quando Nietzsche diz “o juízo ‘bom’ não provém daqueles aos quais se fez o ‘bem’ ”, deixa esclarecido que “bem” está ligado ao ato de “fazer”. Se faz o bem por exemplo: tal coisa **faz** bem. Mas o termo “bem” está ligado ao ato de “ser”. Se é bom por exemplo: fulano de tal **é** bom.

A seguir, o autor determina a maneira como se deu a origem do contraste com o que é “ruim” ao dizer: “O pathos da nobreza e da distância, como já disse, o duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, com um ‘sob’ – eis a origem da oposição ‘bom’ e ‘ruim’ ”. Assim, Nietzsche aponta que os detentores do poder foram quem trataram de estabelecer e deixar marcas linguísticas que os confirmem como mais favorecidos ao mesmo tempo em que também marcaram o contraste com aquilo que não é bom, só podendo ser o contrário: ruim.

Ademais, para continuarmos a explorar o percurso traçado por Nietzsche, na explicação do retrospecto sobre “bem” e “mal”, é preciso introduzir outras duas classes para além da “nobreza” e dos pobres: a classe dos “cavalheiresco-aristocráticos” em contraste à classe sacerdotal. Essas classes, por sua vez, se distinguem em intenções advindas até mesmo da constituição física, como o autor esclarece no texto:

Os juízos de valor cavalheiresco-aristocráticos têm como pressuposto uma constituição física poderosa, uma saúde florescente, rica, até mesmo transbordante, juntamente com aquilo que serve à sua conservação: guerra, aventura, caça, dança, torneios e tudo o que envolve uma atividade robusta, livre, contente. O modo de valoração sacerdotal - já o vimos - tem outros pressupostos: para ele a guerra é mau negócio! (NIETZSCHE, 2009, p.17).

Outra vez, Nietzsche demonstra uma de suas principais características ao tecer uma tese, a objetividade. O trecho acima serve para demonstrar bem como se dá a relação entre as duas classes, da mesma forma, demonstra também como são suas concepções quanto ao que é “de qualidade”, “bom”. A saber, no paralelo já trazido anteriormente, a classe cavalheiresca está mais para os “nobres” e a classe sacerdotal está mais para os “pobres”.

Por conseguinte, para definir o que é “ruim” através do contraste com o que havia definido por “bom”, é possível resumir o raciocínio de Nietzsche através da seguinte citação antes de explicarmos o próximo movimento teórico:

A indicação do caminho certo me foi dada pela seguinte questão: que significam exatamente, do ponto de vista etimológico, as designações para “bom” cunhadas pelas diversas línguas? Descobri então que todas elas remetem à mesma transformação conceitual - que, em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente

bem-nascido", "espiritualmente privilegiado": um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz "plebeu", "comum", "baixo" transmutar-se finalmente em "ruim". (NIETZSCHE, 2009, p.18).

Dessa forma, temos claros contrastes ideológicos definidos pelo autor, a classe cavalheiresco-aristocrática se vale de sua sorte ao já nascer incluída em uma concepção do que é “bom”, que é aquele espiritualmente “bem nascido”, nesse fazer, determina seu contrário como “ruim”, o espiritualmente “mal nascido”, a plebe. E o que sobra aos mal nascidos? aos pobres? à classe sacerdotal? A transvaloração (ou tresvaloração) como será explicado.

Por certo que um povo advindo de outras circunstâncias haveria de ter vontade de também se considerar “bom”. Isso apenas seria possível através da criação de novos ideais, inerentemente a partir daqueles já existentes, é aqui que Nietzsche nos apresenta o conceito de “tresvaloração”: “Assim convinha a um povo sacerdotal, o povo da mais entranhada sede de vingança sacerdotal. Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocráticos (bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses)” (NIETZSCHE, 2009, p.23).

É dessa forma que os sacerdotes de um povo tido como pobre “ruim” se apropriam do conceito de “bom” já existente para começar uma nova concepção. Certamente que, se valendo de um conceito inalcançável à sua classe, deveria se começar o processo por desvalorizar o que antes era tido como “bom”, para depois se pensar no que, agora seria esse conceito:

[...]os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança. (NIETZSCHE, 2009, p.23).

Dessa forma, o conceito de “bom” deixa de ser algo inerente à uma origem a qual não se controla, a qual os pobres já nascem sem. Nietzsche ainda chega a explicar como os criadores desse novo significado o tornam aceito, inclusive por seus inimigos:

Esse Jesus de Nazaré, evangelho vivo do amor, esse "redentor" portador da vitória e da bem-aventurança aos pobres, aos doentes e aos pecadores - não era ele a sedução em sua forma mais inquietante e irresistível, a sedução e a via sinuosa para justamente aqueles valores judeus e inovações judaicas do ideal? Não teria Israel alcançado, por via desse "redentor", desse aparente antagonista e desintegrador de Israel, a derradeira meta de sua sublime ânsia de vingança? Não seria próprio da ciência oculta de uma realmente grande política da vingança, de uma vingança longividente, subterrânea, de passos lentos e premeditados, o fato de que Israel mesmo tivesse de negar e pregar na cruz o autêntico instrumento de sua vingança, ante o mundo inteiro, como um inimigo mortal, para que o "mundo inteiro", ou seja, todos os adversários de Israel, pudesse despreocupadamente morder tal isca? (NIETZSCHE, 2009, p.24).

Dessa forma, o que é “bom” está agora, ligado a algo palpável a plebe, a humildade, o conceito de bom passa a estar mais ligado a algo intencional. É preciso deixar esclarecido também, o juízo de valor estabelecido por Nietzsche quanto às intenções sacerdotais, a todo momento o autor enfatiza que o conceito de “tresvaloração”, aqui demonstrado, se dá por meio de uma fria vingança promovida por essa classe:

E porventura seria possível, usando-se todo o refinamento do espírito, conceber uma isca mais perigosa? Algo que em força atrativa, inebriante, estonteante, corruptora, igualasse aquele símbolo da "cruz sagrada", aquele aterrador paradoxo de um "Deus na cruz", aquele mistério de uma inimaginável, última, extrema crueldade e auto crucificação de Deus para salvação do homem?... Certo é, quando menos, que sub hoc signo [sob este signo], com sua vingança e sua tresvaloração dos valores, Israel até agora sempre triunfou sobre todos os outros ideais, sobre todos os ideais mais nobres. (NIETZSCHE, 2009, p.25).

Isso posto, chegamos à principal contribuição deste autor ao nosso trabalho: o conceito de tresvaloração. Promovido pela classe sacerdotal de um povo perseguido, com o objetivo de equilibrar os pesos da balança moral ao trazer o lado mais fácil aos menos favorecidos, e vice-versa.

A transvaloração, como também pode ser chamada, importa tanto a nosso trabalho pois, em seu processo de explicação Nietzsche nos impulsiona em dois sentidos; ele perpassa e define historicamente através dos conceitos de “bom” e “ruim”; e nesse fazer, permite que observemos como os conceitos morais do que é “bom” e “ruim/mau” podem variar de acordo com diferentes perspectivas. Nesse caso, em particular, podemos perceber como a transvaloração exercida pelo povo judeu conseguiu inverter os valores morais estabelecidos.

A título de esclarecimento, podemos perceber que ao fim da elucidação de Nietzsche sobre o percurso que resultou nas concepções de bem e mal nas religiões judaico-cristãs que temos hoje, é possível encontrar mais de uma forma de encarar esse dois conceitos, a depender de seu período histórico ou de quem o define. A prioridade dessa parte da pesquisa é encontrar um conceito teórico sobre bem e mal que entrem em consonância com o que encontramos em *Grande Sertão: Veredas*. Para resolver o problema, adotamos, em Nietzsche, um conceito de moral que delimita os conceitos de Deus/diabo e bom/mau conceitos de acordo com a utilidade:

A utilidade da ação não egoísta seria a causa da sua aprovação, e esta causa teria sido esquecida - como é possível tal esquecimento? A utilidade dessas ações teria deixado de existir? Ao contrário: essa utilidade foi experiência cotidiana em todas as épocas, portanto algo continuamente enfatizado; logo, em vez de desaparecer da

consciência, em vez de tornar-se olvidável, deveria firmar-se na consciência com nitidez sempre maior. (NIETZSCHE, 2009, p.17-18).

Dessa forma, temos um eixo através do qual podemos entender como bem e mal podem ser delimitados na teoria e na realidade da obra que estudamos. Afinal, se uma ação será boa ou ruim, como vimos, depende do parâmetro que utilizados para delimitar tal: quem faz, a quem é feita, a quem beneficia, o conceito que escolhemos neste trabalho é a “utilidade da ação” citada por Nietzsche, o motivo pelo qual a ação ocorre.

Neste momento, é válido lembrar que iremos considerar a perspectiva de Riobaldo, como narrador e protagonista, para delimitar essa “utilidade” da ação, pensamento ou conflito que ocorre a partir do personagem. Interpretamos essa utilidade como o motivo pelo qual determinado conflito ocorre em Riobaldo e, posteriormente, por que alguma ação é tomada pelo mesmo. Tais conflitos perpassam toda a obra, e o principal deles é o momento do pacto, mas não pelo óbvio motivo do tabu que fazer um pacto significa, mas como vamos ver a frente, Riobaldo tenta negar o pacto para se ausentar da responsabilidade sobre a morte de seu amor. Dessa forma, como o momento do pacto é determinante na obra, citamos Castro: “O problema do mal e do bem não é só tratado através dessas numerosas passagens em que são outros os sujeitos, pois a partir do pacto, Riobaldo torna-se o sujeito do mesmo problema”.

2.4. A representação do pacto fáustico em *Grande Sertão Veredas*

Este subtópico é dedicado a explicitar a contribuição do trabalho de Francieli dos Santos Rossi (2014) intitulado “A representação do pacto fáustico em *Grande Sertão Veredas*” para nosso trabalho. A autora nos veio após a decisão de tratarmos o momento do pacto como uma amostra, ao entender que o momento é decisivo.

Bem como Castro (1976), esta autora é determinante para esclarecer quanto às discussões acerca da obra, particularmente, essa autora nos situa também sobre o andamento recente das produções de trabalhos sobre *Grande Sertão: Veredas*. Como é possível perceber quando a autora pontua sobre citações importantes e as possíveis discussões que as mesmas propiciam:

A máxima “viver é muito perigoso” pauta a narrativa e sintetiza a grande aflição de Riobaldo: a necessidade de compreender os mistérios da existência humana. Entretanto, o hiato entre o tempo da narração e o tempo da narrativa permite que o protagonista, voluntariamente ou não, deixe pistas daquilo que já conhece no momento em que narra, mas que desconhecia na época em que a história se passou. Permite, ainda, que esse narrador reelabore determinadas situações que não eram

claras no momento em que foram vividas, numa oportunidade única de reescrever o passado, transformado pelos olhos do presente. (Rossi, 2014, p.10)

Tais apontamentos, quando não diretamente construtivos para o trabalho, são certamente contribuições para a compreensão do interessante universo esquematizado por João Guimarães Rosa.

Vale destacar que o foco do trabalho da autora, como é possível perceber pelo título, é o pacto fáustico, e dessa forma, grande parte dessa pesquisa se passa em contextualizar e discutir acerca deste personagem histórico e estórico: Fausto. Nesse fazer, o trabalho de Rossi nos contribui também, casualmente, para nossa discussão sobre opostos:

No decorrer de relatos populares e crenças religiosas, observamos que muitos demônios conquistaram seu prestígio demoníaco por boas ações realizadas em existências anteriores. Em outras palavras: “o bem pode servir para fazer o mal (...)”. (ELIADE *apud* ROSSI, 2014). Dessa maneira, numa perspectiva transcendental, o bem e o mal são, porém, tão ilusórios e relativos quando todos os outros pares de contrário: calor-frio, agradável-desagradável; longo-curto; visível-invisível. (Rossi, 2014, p. 29).

Tais discussões, estão constantemente presentes em trabalhos sobre *Grande Sertão: Veredas*, mas com a perspectiva voltada a outra discussão, dessa forma o trabalho de Rossi revela sua importância para a nossa pesquisa como constituinte do *corpus* de estudos sobre *Grande Sertão: Veredas*. Em seguida, a autora nos reafirma acerca da relevância em discussões desse gênero sobre a obra: “Pensar sobre o bem e o mal segundo as reflexões do protagonista-narrador é entendermos esta dicotomia como a feição da relatividade entre ambos”(Rossi, 2014).

Não obstante a discussão puramente sobre as relações entre opostos, em seu trabalho Rossi discute essa questão da perspectiva da realização do pacto:

Se para o Clero a concretização do pacto com o diabo simboliza a associação com as trevas, com o pecado, para essas personagens o pacto significa um impulso, um estímulo para que seus objetivos sejam alcançados. Não se prende ao princípio de que o diabo represente a escuridão, a maldade, o que eles vêem é um ser superior, capaz de ajudá-los a conquistar tudo o que desejam. (Rossi, 2014, p.33).

Outra contribuição do estudo de Rossi (2014) para nós é quanto a tentativa de Riobaldo em negar a consumação do pacto. A autora confirma que o narrador tenta negar esse acontecimento pois ele seria a confirmação de sua culpa na morte de seu amado: “Riobaldo tenta negar a existência do diabo e a efetuação do pacto, pois esta afirmativa seria o mesmo que reconhecer sua culpa pela morte de Diadorim” (Rossi, 2014, p.59-60).

Mais a frente em seu trabalho, Rossi ainda contribui novamente para a discussão da relação entre bem e mal no pacto, tema que também trataremos nesta pesquisa: “Por mais que o protagonista de *Grande Sertão: Veredas* não assuma a efetuação do pacto, a dualidade se torna visível quando o bem e o mal são postos um do lado outro, confirmando a dependência de ambos para existir” (Rossi, 2014, p.73-74).

Por fim, podemos afirmar que o trabalho “A representação do pacto fáustico em *Grande Sertão Veredas*” de Rossi (2014) faz contribuições diretas em todos os principais pontos deste trabalho: discussão sobre bem e mal, a relação entre ambos, a importância de definir algum parâmetro de delimitação de bem e mal. Além do que, devido à sua atualidade, a tese nos situa quanto ao ponto atual das discussões sobre a obra e nos proporciona outras perspectivas sobre *Grande Sertão: Veredas*. Feito isso, a principal contribuição do trabalho da autora, certamente é o esclarecimento quanto às nuances do pacto na obra, por ser um dos trechos que decidimos analisar.

3. ANÁLISE DA OBRA.

Neste tópico faremos a análise de dois trechos de *Grande Sertão: Veredas*, através da perspectiva das obras que trouxemos no tópico anterior, com o propósito de verificar as manifestações dos conceitos morais de “bem” e “mal” e dos ícones religiosos Deus e diabo como oposições que se relacionam em coexistência. A saber, os trechos escolhidos foram o momento em que Riobaldo protagonista faz o pacto e no trecho em que é narrado o caso do homenzinho-na-égua e o cachorro dele. A escolha desses trechos foi feita por se localizarem como momentos em que há muita ação de Riobaldo, sem que seja o momento definitivo da caçada aos judas. Dessa forma, tais trechos propiciam uma análise em que bem e mal podem se manifestar em momentos mais compassados, de forma a facilitar a análise.

3.1. A existência do bem, no pacto.

Este tópico é reservado à analisar o trecho da obra na qual o protagonista Riobaldo, realiza um pacto. No momento da narrativa, Riobaldo estava no bando ainda capitaneado por Zé Bebelô, esse bando atravessava as terras de um proprietário de terras chamado seô Habão, um trabalhador havia os informado que o lugar era um dos retiros chamado Coruja. Após passar por um povoado chamado Sucruriú, que sofria de bexiga, após isso é que passaram por uma encruzilhada formada por duas veredas que tinham um nome em conjunto: Veredas-Mortas. No dia em que Riobaldo realiza o pacto, já havia decidido fazer isso pela manhã, e no decorrer do dia após passarem pelo Sucruriú, acabaram se encontrando com o dono das terras, seô Habão, que Riobaldo notou ter um cavalo estimável, que no outro dia seria seu, por nome Siruiz.

Começamos a falar do pacto no impulso tomado por Riobaldo, sabendo que Hermógenes é pactário, toma a decisão de também realizar um pacto, para ficar em pé de igualdade com seu inimigo. Mas ainda assim, tal decisão não é tomada e executada racional e friamente, Riobaldo ainda precisa de um impulso para isso: “Declaro ao senhor agora: hora chegada. Eu ia. Por que eu estava sabendo — se não é que fosse naquela noite, nunca mais eu ia receber coragem de decisão. Senti esse intimado.” (ROSA, 2001, p.343) Como vamos ver a frente, a necessidade de levar essa decisão a frente em um impulso é coerente com a forma de agir após o pacto, como se ele comesse ali, na decisão: “[...] quando um tem noção de

resolver a vender a alma sua, que é porque ela já estava dada vendida, sem se saber; e a pessoa sujeita está só é certificando o regular dalgum velho trato — que já se vendeu aos poucos, faz tempo?” (ROSA, 2001, p.56) .

Neste trecho, o qual escolhemos para analisar, vale ressaltar os efeitos que o pacto começa a demonstrar em Riobaldo, através dos três excertos: 1) “Eu era eu — mais mil vezes — que estava ali” 2) “E, o que era que eu queria? Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era — ficar sendo!” 3) “Eu queria ser mais do que eu. Ah, eu queria, eu podia” (ROSA, 2001). Esse trecho demonstra, através da ênfase que Riobaldo dá a isso, a vontade que o protagonista tinha em “ser”, por sua vez isso denota a aceitação do “ser” para “fazer” que Manuel Antônio de Castro nos revela ao dizer: “Ao colocar o diabo como núcleo gerador central, surge imediatamente duas facetas que o configuram: o mal e o bem, o ser e o não ser. Abordar o problema do diabo implica tematizar o mal e o bem, o ser e o não ser”. Disso interpretamos que Riobaldo entende precisar ser mais do que é, para fazer mais do que faz, precisa realizar o pacto para se contrapor a outro que realizou o pacto, precisa ser mau, para fazer mal a alguém.

Dessa forma, ao retomarmos os conhecimentos anteriormente empreendidos para lembrar das relações entre Deus e diabo, principalmente neste momento: este é o momento no qual Riobaldo quer ser mau, para executar um mal a alguém (Hermógenes), e fazer o bem por outro alguém (Diadorim). Vale destacar também como é simbólico o posicionamento de Riobaldo nessa relação entre Diadorim e Hermógenes: por considerar Diadorim bom, Riobaldo toma partido de sua causa e decide fazer o bem a ele, no entanto, isso incide em considerar Hermógenes mau e fazer o mal contra ele. Se posicionando em um lugar que dá pra considerar o meio entre os dois. Um posicionamento entre o bem e o mal?

A questão do ser e não ser. Na decisão de executar o pacto, para fazer o mal a um e o bem a outro, Riobaldo exprime a materialização de Deus fazendo o bem através de si ao deixar o diabo agir. No ser, sendo.

Todos os três trechos trazidos anteriormente denotam uma valorização do “ser” de Riobaldo, que, em conjunto com o ímpeto necessário para começar o pacto, denota o “fazer” e resume os dois efeitos dessa ação: ser e fazer. Tais demonstrações, antes mesmo que Riobaldo chegue ao local que irá realizar o pacto e consumir o ato com palavras, demonstram a suavidade dessa transição, o ato era necessário, mas seu entorno (antes e depois) tem igual importância.

Dessa forma, o pacto se constitui como uma ação altruísta de Riobaldo. Bem como a relação entre Deus e diabo explicada por Castro (1976), é Riobaldo quem toma a decisão de ser (mau) e fazer o mal, mas faz isso por Diadorim. Para confirmar esse argumento trazemos a citação: “De Diadorim refugi. Ah, deixa a aguinha das grotas gruguejar sozinha. E, no singular de meu coração, dou dito: o que eu gostava tanto de Diadorim, tinha um escrúpulo — queria que ele permanecesse longe de toda confusão e perigos”.

Logo após, trazemos Rossi (2014) novamente para ressaltar a contradição e a crueldade dos resultados do pacto, pois, também de acordo com a autora, a consequência do pacto é justamente a morte de Diadorim, aquele a quem o pacto deveria beneficiar, a quem Riobaldo lembrou e quis proteger, inclusive, na hora do pacto. Eis aí, a coexistência entre o bem e o mal em *Grande Sertão: Veredas*.

Seguimos, em um trecho que dá a ideia de que a execução do pacto, não tem a carga de maldade que facilmente pode se atribuir a um ritual assim: “Somei sensatez. Cobra antes de picar tem ódio algum? Não sobra momento. Cobra desfecha desferindo, dá bote, se deu. A já que eu estava ali, eu queria, eu podia, eu ficava. Feito *Ele*. Nós dois...” (ROSA, 2001, p. 436). Podemos notar a ausência de uma intenção maligna deste ato na excelente metáfora trazida pelo narrador: “Cobra antes de picar tem ódio algum?”, essa citação confere a execução do pacto ares de naturalidade, sem ter o sentimento de fazer o mal pelo mau. Dessa forma, Riobaldo dá a entender que não buscava o pacto com a com intenções egoístas, o que denotaria maldade, bem como, uma cobra não pica por querer ver alguém morto, o faz por precisar de alimento ou se sentir ameaçada, bem como Riobaldo faz o pacto também por necessidade. O trecho em questão ainda nos confirma que o pacto não pode ser comprimido em um ritual específico, faz isso quando traz: “Não sobra momento. Cobra desfecha desferindo, dá bote, se deu”, esse trecho, posto em comparação com o pacto, dá a entender que não existe um momento específico que se possa indicar que a partir dele o protagonista está pactuado, e que anteriormente não estava. O pacto se constitui como algum de difícil delimitação, no qual, não se sabe quando começa nem quando termina, “Não sobra momento [...] se deu.”.

O trecho que vem a seguir, demonstra mais um dos efeitos do pacto em Riobaldo: “De dentro do resumo, e do mundo em maior, aquela crista eu puxei, toda, aquela firmeza me revestiu”. Nesse trecho podemos notar, de acordo com as passagens anteriores, que neste momento Riobaldo está reunindo coragem mais uma vez, coragem para fazer. No entanto, como vamos ver a seguir, tal coragem não foi utilizada ali, não foi gasta, Riobaldo sai

daquele momento ainda revestido dela. Como se essa fosse a função do ritual: munir o pactário de coragem.

A seguir, podemos notar um indicador que os efeitos maiores do pacto já foram aplicados em Riobaldo, como se já houvesse sido executado: “Como era que isso se passou? Naquela estação, eu nem sabia maiores havenças; eu, assim, eu espantava qualquer pássaro”. De acordo com o trecho, podemos notar que já há uma diferença no ser de Riobaldo, ele afirma que daquela forma espantava qualquer pássaro, coisa que não aconteceria antes.

O que se segue no trecho correspondente ao pacto, é o protagonista rogando ao diabo que aparecesse, o faz através da verbalização de palavras, para não receber resposta alguma “Só outro silêncio” e sem seguida, o narrador nos confirmar o efeito que o pacto deve no ser do protagonista “O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais” (ROSA, 2001, p.438). Sem obter alguma resposta a sua verbalização, o narrador afirma “E foi aí. Foi. Ele não existe, e não apareceu nem respondeu — que é um falso imaginado. Mas eu supri que ele tinha me ouvido”(ROSA, 2001, p.438). Neste trecho podemos receber a confirmação de que o diabo não existe, quase dando um alívio. Mas, para nos deixar com uma pulga atrás da orelha, é que o narrador continua, “supri que ele tinha me ouvido”, confirmando que, mesmo sem existir, o diabo tinha agido.

Por último, podemos afirmar que, ironicamente, o mau não está presente no momento do pacto. Na verdade, na execução do pacto, não tem valorações morais de Riobaldo “Cobra antes de picar tem ódio algum?” (ROSA, 2001, p.437). Podemos começar a discutir a amoralidade desta decisão caso voltemos nossa atenção à utilidade dessa ação, retomando Nietzsche, pois é uma ação não egoísta de Riobaldo. Faz inclusive para manter Diadorim longe daquilo, para “deixar a água das grotas gruguejar sozinha”, isso é bom. No entanto, de modo mais imediato, Riobaldo quer ser mais, para fazer mais. Este ser e este fazer são: ser pactário, para matar outro pactário, isso é mau. Aqui está a coexistência entre oposições no pacto.

Quanto ao tempo, que ainda vale ressaltar, o pacto não é executado apenas quando Riobaldo roga pelo diabo, nem começa quando ele se dirige às Veredas-Mortas, lembrando da citação “quando um tem noção de resolver a vender a alma sua, que é porque ela já estava dada vendida” (ROSA, 2001, p. 56), o pacto começa quando Riobaldo entende a necessidade de executá-lo, desde então começa a reunir a coragem que passa a usufruir após o “ritual”.

Por fim, podemos encarar o momento do pacto, como uma materialização de bem e mal em Riobaldo, assim como de Deus e diabo. Ao analisarmos este trecho da obra (o do pacto), podemos perceber que as atitudes são permeadas por pensamentos e comentários do

narrador, nestes podemos perceber que em toda a execução do pacto, há o conflito entre bem e mal no interior de Riobaldo. As atitudes se configuram com uma materialização de uma das possibilidades do agir de Riobaldo, dentre várias outras possíveis e, nesta gama de possibilidades, dificilmente alguma delas seria completamente boa ou má. Dessa forma, bem e mal estão presentes em Riobaldo, o tempo todo.

3.2. O bem e o mal no caso do “homenzinho-na-égua, com o cachorro dele”

Este tópico é reservado à analisar o trecho da obra na qual o protagonista (Riobaldo) decide e delibera sobre matar dois outros personagens, no entanto essa atitude gera muitos questionamentos (inclusive em si sobre si) sobre a procedência do ímpeto que sente. O questionamento vem pois, no momento da obra, Riobaldo já fez o pacto, portanto, a questão é se as atitudes tomadas ali são influenciadas pelo diabo. Ao encarmos isso através da bibliografia, vamos entender que o protagonista age como age pois passou pelo processo de “ser para fazer”, e agora realmente, “aquele que age no real” tem muito mais influência em Riobaldo.

O trecho que tratamos a seguir é trazido à obra para exemplificar como se davam as ações de Riobaldo após fazer o pacto. No momento Diadorim, parceiro próximo do protagonista, desconfia que as atitudes de Riobaldo não estão de acordo com o seu usual: “...A bem é que falo, Riobaldo, não se gaste mais... E o que está desmudado, em você, é o cômputo da alma — não é razão de autoridade de chefias...”(ROSA, 2001, p.484). O trecho conota a sabida sensibilidade de Diadorim, em distinguir a diferença de comportamento de Riobaldo, como sendo diferente de um efeito do poder subindo a cabeça. Ressaltamos, inclusive, a palavra utilizada por Diadorim para tratar desse algo mais íntimo “o cômputo da alma”, que vai de encontro com o questionamento de Riobaldo sobre a existência dessa substância, bem como com quem estaria sua posse.

A bem dizer, o ódio direcionado ao homenzinho-na-égua não começa em si, mas em um homem chamado nhô Constância Alves, vindo do pé da serra de Alegres, que por coincidência ou não, era o mesmo lugar que Riobaldo havia estado em sua infância, nas palavras do narrador: "podia ser de ter me conhecido, quando eu menino". Fato suficiente para ganhar a simpatia do chefe Urutu Branco na primeira impressão, até que:

[...], um certo momento, o pretinho Guirigó se chegou sorrateiro, e emitiu em minha orelha. — "Iô chefe..." — arenga do menino Guirigó, que às vezes bem não regulava. O capeta — ele falou do capeta? Ou então, só de olhar para ele, e escutar,

eu pensei no capeta; mas, que era do capeta, eu entendi. Daí, de repente, quem mandava em mim já eram os meus avessos. (ROSA, 2001, p.486).

Eis que, a partir desse momento, com a temática do capeta instaurada na situação, como fator de mudança, o resto do causo é todo perpassado por essa temática. Vale destacar também, o cuidado que Guimarães Rosa investe para demonstrar a "forma" com que o agir do diabo se instaura: "se chegou sorrateiro, e emitiu em minha orelha", forma estabelecida, que será o padrão com que o capeta irá retornar constantemente aos pensamentos de Riobaldo.

A seguir, e não sem propósito, após esse ponto de transição que instaura o demônio no causo, vem a Riobaldo uma vontade de matar aquele homem que até então lhe era benquisto: "Aquele homem merecia punições de morte, eu vislumbrei, adivinhado. Com poder de quê: luz de Lúcifer? E era, somente sei. A porque, sem prazo, se esquentou em mim o dôido afã de matar aquele homem". E sem muito mais explicações, o narrador passa a nos relatar a forma como encarou a vontade de matar aquele homem, que se distinguia de seu comportamento normal:

Ah, mas, então, do sobredentro de minhas ideias — do que nem certo sei se seja meu uma minha-voz, vozinha forte demais, de tão fraca, suministrou um cochicho. Foi. Em tão curta ocasião que teve, essa vozinha me deu aviso. Ah, um recanto tem, miúdos remansos, aonde o demônio não consegue espaço de entrar, então, em meus grandes palácios. No coração da gente, é o que estou figurando. Meu sertão, meu regozijo! Que isso era o que a vozinha dizia: — "Tento, cautela, toma tento, Riobaldo: que o diabo fincou pé de governar tua decisão!". (ROSA, 2001, p.486-487).

No presente trecho, antes do desenrolar maior, já podemos notar um questionamento entre fazer e não-fazer em Riobaldo. Como já dissemos, após o pacto Riobaldo está munido do "ser para fazer", o que justifica sua impulsividade. No entanto, ao perceber isso e questionar o motivo de alguma ação antes de fazer, Riobaldo passa a ter o "não-fazer" como opção. Nas palavras de Riobaldo, o que permite isso é por que em si ainda há "aonde o demônio não consegue espaço de entrar" em meio a um "cômpito da alma" desmudado. Coexistência.

De acordo com as concepções de Nietzsche (2009) trazidas aqui, que permeiam pela intencionalidade de uma decisão, podemos notar que o questionar de Riobaldo é o que garante que aquela ação está de acordo com sua moralidade, o objetivo daquela ação estará de acordo com o que é favorável para si. Matar nhô Constâncio Alves não é o mesmo que matar Hermógenes, é algo que excede os motivos pelos quais realizou o pacto.

O conflito estabelece a maneira como Riobaldo questiona suas ações impulsivas, antes de tomar uma atitude, ele não pondera previamente mais. Isso se difere de suas atitudes

anteriores pois o diálogo que precede as ações eram a dinâmica dos acontecimentos na obra. Essa nova forma de agir o obriga a “remediar” seus atos. Agindo pelo não-agir, como vamos reparar em sua decisão para aquele nhô Constâncio Alves:

Assim, noutra repingo: arejei que toda criatura merecia tarefa de viver, que aquele homem merecia tarefa de viver — por causa de uma grande beleza do mundo, à repentina. Um anjo voou dali? Eu tinha resistido a terceira vez. Agora, nhô Constâncio Alves estava delivrado de perigo. (ROSA, 2001, p.488).

Dessa forma é que a personagem de nhô Constâncio Alves faz sua participação na trama do livro, como se fosse uma pequena demonstração de como está se dando, o que aqui estipulamos como, a ação de Deus ao deixar ou não o diabo agir. Aqui pode ficar uma questão, o “cômpito da alma”, os “miúdos remansos, aonde o demônio não consegue espaço de entrar”, seria a materialização de Deus? e a impulsividade a materialização do demônio?

De volta ao personagem, Nhô Constâncio Alves, teve sua morte colocada em questão por três vezes, por alguma vontade que Riobaldo, mesmo como narrador ciente de todos os acontecimentos, não sabe explicar. No entanto, a vida de Constâncio Alves é mantida graças ao questionar de Riobaldo quanto à origem daquelas intenções, situação na qual por três vezes o protagonista sente um ímpeto de maldade, mas não o consuma por falta de certeza sobre a autenticidade daquele ato. Esse conflito interno de fazer ou não fazer, é a coexistência entre opostos dentro de Riobaldo, que, ao escolher entre um e outro manifesta um ou outro.

Dito isso, temos acabada a contribuição de nhô Constâncio Alves, mas o que ainda não acabou é o ser/agir do diabo em Riobaldo, a trama segue:

O ele, nhô Constâncio Alves, deixei que fosse embora. Nem espiei — para dele não ver as costas. Mas, aí, então, para me pacificar e entreter o Outro, eu tive de falar alto:
— “Perdoei este; mas, o primeiro que surgir, destas estradas, paga!”
Eu disse. Eu ia cumprir? Rosa (2001, p.489).

Esteja feito, o sossego que foi dado a: nhô Constâncio Alves, por sua vida e; ao leitor, pela completa negação de Riobaldo às vontades do capeta, nesse momento tem fim. Como já dito, a manifestação do diabo vem à obra sem prévias ponderações do narrador, para dar o ar de impulsividade com qual o ser/agir acontece. Esse agir se transferem a uma existência que, em nada deveria ter relação com a obra:

Demos com um sujeito, parecido viajor. Ele vinha numa égua. Essa égua era castanha, com alguma altura. Aqueles arreios, de velhos, era que desfaziam. Um cabo da rédea estava sendo de couro, mas o outro de semedo. A égua também cambaiava. O homem tinha cara de focinho, avançando o formato dos ossos da

boca: não tinha queixo. Desgraçado desse homem, pelo que sua vida ia ser, pelo que seus aspectos indicavam. Nem merecia dó, assim achei. Mas, na companhia dele, atrás, vinha também um cachorrinho. (ROSA, 2001, p.489).

Assim se dá, por completa, a descrição do sujeito que herdara a sina de nhô Constâncio Alves, ser que por sua vez, nem tem um nome para si atribuído. No entanto, podemos perceber a diferença nas situações, o processo rápido na situação de Constâncio Alves, foi por causa de uma vontade inexplicável (diabo) que só foi refreada por algo também inexplicável (Deus) dentro de Riobaldo. Agora, na situação do homenzinho-na-égua há apenas a consequência da ação, a obrigação em cumprir o que havia falado ao bando.

O mal no trecho do homenzinho-na-égua existe para que ocorra sua negação. O diabo age para ser contrariado, pois de acordo com a perspectiva que adotamos, não é ele quem decide, “Deus que roda tudo”, a relação entre ambos fica mais clara com exemplos. Agora, lembrando do que Emmanuel Carneiro Leão nos ensinou, como iríamos distinguir a materialização de Deus e da bondade neste trecho se não fosse pelo diabo e pela maldade?

A narrativa segue com Riobaldo direcionando a morte, que era pra Constâncio Alves e depois pro homenzinho-na-égua para o cachorro, depois de muito ponderar:

— “*Rai’-a-puta-pô!* Não tenho que matar esse desgraçado, por que minha palavra prenhada não foi com ele: quem eu vi, primeiro, e avistei, foi esse cachorrinho!...”

Só um assarapanto de silêncio. Daí, me vivaram. Todos entenderam, me admiraram. A tanto que sei. Agora, eu, digo ao senhor: dele, do Demo — naquele instante — agora era eu quem ria! (ROSA, 2001, p.492)

Eis aqui a utilidade da ação não egoísta servindo para sua aprovação, tanto do bando “Todos entenderam, me admiraram”, assim como próprio protagonista “agora era eu quem ria”, todos aceitaram o não-fazer por entenderem que a morte de qualquer um ali era desnecessária, por entenderem a utilidade da ação. Esse trecho se configura como a linha guia da manifestação do bem neste trecho. Como já dissemos, o bem aqui, se manifesta com Deus agindo em Riobaldo de forma a orientá-lo a não-agir frente aos ímpetos do diabo.

A seguir, temos mais um não-agir, de forma a não querer matar a cachorrinha, essa intenção é marcada de pena pelos diminutivos utilizados para se referir a ela. Então, o protagonista hesita mais uma vez:

“A tudo, pensei. Agora, matar aquela cachorrinha? O que menos eu pudesse, só mesmo por pragas [...] Ah, não! Ah, não, não matava. Mais, por aí, eu também já tinha aprendido — das sutilezas. Tornei a transdizer:

— ‘Adonde... E nem não foi essa cadela. A égua, essa é que foi — a que primeiro deu nas minhas vistas’ ”(ROSA, 2001, p.493).

Aqui, estabelecido o teor evasivo das falas da personagem observamos mais um movimento de Riobaldo para não perdoar a vida de mais um, agora, homem e cadela estão salvos da morte. A narração “Mais, por aí, eu também já tinha aprendido — das sutilezas”, demonstra que Riobaldo, em termos práticos, tinha aprendido o não-agir, das sutilezas de Deus, que “é paciência, o resto é o diabo”.

O conflito segue, agora com o dever de matar a égua: “Ao que o Fafafa, que não teve poder em si de se consentir silêncio, virou para mim, e disse: — ‘Nosso Chefe, com vênia eu peço: o senhor aceite de eu pagar em dinheiro o preço deste inocente animal, que seja poupado... A eguinha não é de todo ruim...’ ”. Dessa forma, o recurso do perdão final se iniciou no próprio bando, que de início era um dos agravantes da imposição na mente de Riobaldo: “Adforma que eu tinha que resolver. Antes ligeiro, para os meus homens não me acharem parvo”. Mas agora, por se inclinarem a morte de nenhum dos personagens, Riobaldo consegue ver um bom final para a situação: “[...]em seguida, gostei, eu mesmo. Instante em que me prazia ouvir o meu pessoal discordar daquilo, com a égua, a frio e por fria razão. Do demo era que eles discordavam Rapaziada boa, solerte” (ROSA, 2001, p.493). Neste momento percebemos a pista deixada no caso, pois o bando realmente discorda do diabo ao concordar com o não-fazer.

Na confirmação que, após certo ponto, nem o bando queria ver morte alguma, é possível refletir sobre o que mantinha a situação, se nem o chefe e nem o bando queriam mais. Cabe especular, a título de boa comparação, que o único a concordar com aquilo é o demo, se manifestando de forma exemplar, com todos ali cumprindo e concordando com uma maldade, que ninguém quer.

A seguir, retomamos Casto (1976) para fazermos um paralelo que define a relação entre opostos nesse excerto que escolhemos. Como já explicamos em Castro (1976) *Grande Sertão: Veredas*: materializa o diabo conseguindo se manifestar em tudo, e mais ainda no ser humano, o faz na forma de uma força de mutabilidade que força o agir. Já Deus se manifesta de forma a decidir o resultado de tais ações, o faz ao escolher entre permitir ou não o agir do diabo.

Por fim, devemos nos lembrar que as atitudes do protagonista são apenas externalizações de seus conflitos internos, dessa forma, as atitudes demonstradas são resultado do que ocorre dentro do ser de Riobaldo. Assim, reafirmamos a conclusão do primeiro tópico de análise, bem e mal existem ao mesmo tempo em Riobaldo pois o mesmo não é um personagem apenas bom ou apenas mal, ambos os lados desse aspecto existem

como possibilidade nas ações do protagonista, as escolhas são apenas uma decisão entre uma das várias possibilidades existentes. As atitudes, por sua vez, se configuram em um lugar indefinido de: “nem bom, nem mal” pois nenhuma das escolhas feitas pelo protagonista, nos trechos escolhidos, se enquadram nos extremos de bem ou mal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, retornamos à questão que nos trouxe aqui desde o início: como se dá a relação entre bem e mal em *Grande Sertão: Veredas*? Aqui, teremos acesso à resposta ao retornar brevemente o recurso que fizemos.

Em Leão (1991) aprendemos que a realidade não é apenas constituída da separação de tudo, que é possível a coexistência até mesmo de opostos, daí a ideia de experimentar essa perspectiva em *Grande Sertão: Veredas*, com os opostos bem e mal. Em Castro, tivemos noções sobre a materialização do bem, do mal, de Deus e do diabo no romance de Guimarães, além disso, uma pista de como se dá a relação entre bem e mal através da relação entre Deus e diabo que o autor traz. Em seguida, foi preciso delimitar o que entenderíamos por algo bom e algo mau/ruim, para tal utilizamos o estudo de Nietzsche em *A genealogia da moral*, nessa obra entendemos que os valores morais de bom e mau/ruim podem variar de acordo com a perspectiva, podendo inclusive se inverterem, e a utilidade da ação não-egoísta serve para sua validação positiva de acordo com a perspectiva de quem faz, a partir disso, aproveitamos dos momentos em que Riobaldo comenta acerca de seus pensamentos e ações para definir tais como boas e más. Então, foi preciso que escolhêssemos trechos específicos na obra, momentos em que a distinção entre bem e mal fica mais tênue, para tal, um dos momentos escolhidos foi o pacto que Riobaldo faz, para analisarmos melhor um momento tão importante da obra, nos aproveitamos da tese de Rossi (2014).

Na análise dos dois momentos escolhidos, tivemos como possibilidade a exemplificação das duas possibilidades de materialização de Deus e diabo no ser: no primeiro, o momento do pacto, tivemos Deus fazendo o bem através do mal exercido pelo diabo, deixando o diabo (no) ser; no segundo momento, tivemos Deus exercendo o bem no ser de forma a impedir que o diabo agisse no ser, não deixando o diabo no ser, nesse caso, o bem houve pelo não ser do diabo, mesmo que estivesse ali como possibilidade.

Então, o exemplo de coexistência entre opostos que temos aqui é a relação entre Deus e diabo. Sendo o diabo uma força de mutabilidade inconsequente, e que por consequência, faz o mal. Deus é um ser que decide como utilizar essa força para exercer o bem, o fazendo ao deixar o mal acontecer para o bem acontecer consecutivamente, ou fazendo o bem de forma a não permitir que o mal ocorra. Nos dois exemplos da relação, é impossível a existência de um sem o outro.

No caso do valor moral de uma ação (fato concretizado externamente) tomada após uma decisão (conflito interno de possibilidades) bem ou mal, varia de acordo com a perspectiva de quem faz. O próprio Riobaldo reconhece algumas de suas ações nesses trechos como ruins por serem guiadas pelo diabo (uma força de mutabilidade inconsequente). Podemos concluir que bem e mal sempre ocorrem como possibilidade dentro do ser de Riobaldo pois este é o local de materialização de Deus em diabo. Sua exteriorização é uma escolha entre um e outro.

Dessa forma, após esses estudos, discussões e orientações foi possível entender que a coexistência entre o bem e o mal em *Grande Sertão: Veredas* se encontra no interior do ser. Graças a narração de um Riobaldo já atravessado por toda a estória, podemos perceber que tudo aquilo que foi sentido, e agora lembrado através das memórias, pode agora ser encontrado dentro daquele jagunço que acompanhamos pelo sertão. Bem, mal, Deus e diabo, todos foram encontrados existindo em conjunto no jagunço Riobaldo.

Finalmente, vale lembrar que bondade e maldade são conceitos criados por nós, humanos, para interpretar a realidade. É preciso lembrar disso, para que não fiquemos presos a essa noção, afinal, ela pode não dar conta de tudo o que está presente na realidade. A escolha de como decidimos conceber a realidade nos dá a liberdade de agirmos sobre ela, mesmo que apenas para nós mesmos. Dessa forma, não há bem nem mal! “É o que digo, se for... Existe é homem humano. Travessia”.

Referências

CASTRO, Manuel Antônio de. **O homem provisório no Grande Ser-tão: um estudo de Grande Sertão Veredas**. 1976. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília, INL, 1976.

LEÃO, Emmanuel Carneiro; WRUBLEWSKI, Sérgio. **Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 624 p. (n. 3). ISBN 85-209-1209-5.

ROSSI, Francieli Santos. **A representação do pacto fáustico em Grande Sertão: Veredas**. 2014. 116 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos Literários, Unemat Campus Universitário Tangará da Serra., Tangará da Serra, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/1300>. Acesso em: 25 jul. 2023.